



# Cultura!

## AS MIL FACES DE MERLIN

*A Caverna de Cristal* de Mary Stewart  
e outras obras sobre o Rei Artur  
Pág. C4

### ‘Homens Elegantes’

Novo livro de Samir  
Machado de Machado  
Pág. C2

### Atmosfera carregada

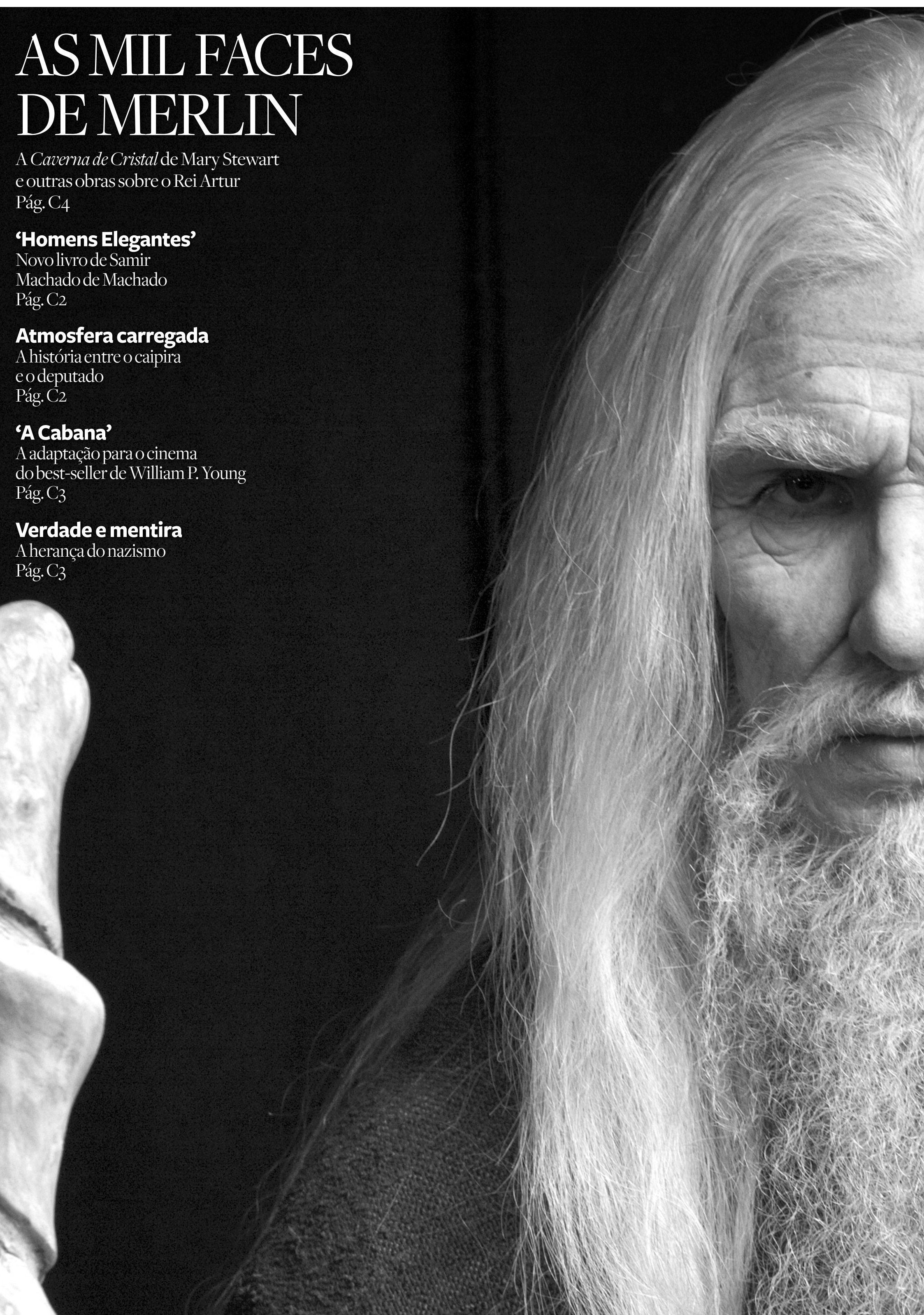
A história entre o caipira  
e o deputado  
Pág. C2

### ‘A Cabana’

A adaptação para o cinema  
do best-seller de William P. Young  
Pág. C3

### Verdade e mentira

A herança do nazismo  
Pág. C3





Literatura

Em uma mistura inusitada de romance histórico e narrativa de espionagem, Samir cria algo inédito em nossa literatura com sua obra *Homens Elegantes*

# A ARTE DA ELEGÂNCIA DE SAMIR MACHADO DE MACHADO

BRUNO ANSELMi MATANGRANO

A proposta de um romance histórico de espionagem, com toques de romance de época de temática LGBT, ambientado na Inglaterra do século XVIII e protagonizada por um português de ascendência inglesa nascido no Brasil, é no mínimo inusitada. E instigante. Agora, tendo essa mistura em vista, imagine um James Bond gay, numa época em que a homossexualidade era crime de grande gravidade, escolado em jeitinho brasileiro, burocracia portuguesa e etiqueta britânica, em meio aos bailes e *festes galantes* da corte inglesa barroca, entre chapéus emplumados, floretes afiados, sofisticados confeitos, emocionantes carteados, tavernas exclusivas e toda sorte de brocados,

Érico deve então enfrentar o terrível vilão conhecido como Conde de Bolsonaro, personagem totalmente fictícia. Ou não

enfrentando ninguém mais, ninguém menos do que o pérfido nobre ítalo-argentino Reinaldo Olavo de Gavíria y Acevedo, conhecido também pela irônica alcunha de Conde de Bolsonaro, personagem totalmente fictícia, que não faz a menor menção a nenhuma figura real igualmente sórdida. Ou faz.

A trama se inicia em 1760, quando o brasileiro Érico Borges é enviado à embaixada portuguesa em Londres, parte por conta de seu sangue meio-inglês, parte por ter caído nas boas graças de Sebastião José Carvalho e Melo (1699-1782), também conhecido como Conde de Oeiras e imortalizado como Marquês de Pombal, para trabalhar em uma investigação bastante curiosa envolvendo pirataria, livros

proibidos de teor erótico e uma conspiração que parece se alastrar por diversos países, ligando de certa forma Brasil, Portugal e Inglaterra. Dado o caráter confidencial da missão, Érico se vê obrigado a camuflar o motivo de sua presença em Londres, adotando o sugestivo nome de Barão de Lavos, retirado do livro de mesmo nome, do romancista português Abel Botelho. Assim, passando-se por nobre, começa a frequentar toda a alta sociedade londrina, com direito a festas, bailes, óperas e muitos chás. Paralelamente, é introduzido por seus amigos a Maria de Almeida, a sobrinha do embaixador português, William Fribble, um dândi chamativo e colorido, Armando Pinto, o sóbrio primeiro-secretário da embaixada, e, por fim, Gonçalo Picão, um gentil e humilde padreiro brasileiro, a uma Londres paralela, onde homens de gosto diverso ao considerado adequado para a época

levam uma vida de camaradagem, diversão, um pouco de devassidão, amizade e respeito, protegendo-se uns aos outros de todos os demais. Juntos, os amigos frequentam desde tavernas escondidas a todo aquele ainda não-iniciado até os mais incríveis eventos sociais, onde acabam por conhecer e, depois por sempre reencontrar, o abominável Conde de Bolsonaro, que após o mais memorável e emocionante jogo de cartas descrito ou mostrado na literatura ou no cinema, torna-se oponente e arqui-inimigo de Érico Borges, causando-lhe toda sorte de infortúnios.

Trata-se, pois, de uma obra extremamente arquitetada, desde o mapa cuidadoso e as descrições pormenorizadas de uma Inglaterra

outrora existente, passando pelo frontispício reproduzido em *graphia* epocal, pela criação de nomes sugestivos e brincalhões, bem como pela pesquisa histórica e literária que se traduz em todo o tipo de referências, até a diferenciação divertida e útil entre diálogos ora proferidos em inglês (por isso introduzidos por aspas) ora em português (neste caso, por travessões) ao longo do livro, apesar de todos estarem, obviamente, escritos em bom português, resgatando, no entanto, termos, conceitos e dizeres do setecentos e misturando os falares deste e do outro lado do Atlântico. Ainda demonstrando o cuidado com o processo de escrita e o respeito com o leitor, o livro se encerra com interessante Nota Histórica, na qual o autor destaca e presta homenagem a suas fontes e inspirações, já que, além de suas criações, Samir soma a seu elenco algumas personagens históricas bem como algumas provenientes de outras obras literárias.

Em suma, eis a premissa de *Homens Elegantes*, o novo livro do escritor gaúcho Samir Machado de Machado — autor de *O Professor de Botânica* (2008) e *Quatro Soldados* (2013) —, cuja semelhança com o Bruxo do Cosme Velho não se limita ao sobrenome, mas também se traduz na maneira inusitada como constrói sua narrativa, brincando com estilos, formas e gêneros, em um tom extremamente ácido e bem-humorado, ainda que eivado de emoção e certa tristeza pela conjuntura do século, cheio de referências e trocadilhos. E, bem ao gosto do autor de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, repleto do melhor tipo de ironia.

\*  
**BRUNO ANSELMi MATANGRANO**, TRADUTOR E AUTOR DE DIVERSOS CONTOS E ARTIGOS, É MESTRE E DOUTORANDO EM LETRAS PELA USP



**Autor.**  
O escritor Samir Machado de Machado (esq.); acima, a capa do livro

Crônica

# O CAIPIRA E O DEPUTADO

ISABELA ZARDA

“Quem conversa muito dá bom-dia a cavalo.”  
**Dito popular**

Depois de uma semana muito cansativa de trabalho, como de costume, sentei em um banco de madeira na sombra de um abacateiro; como de costume também, meu cachorro Pitoco deitou embaixo do banco. Meu vizinho Afonso, que inclusive é meu compadre, ao ver a mim e o Pitoco, veio nos fazer companhia. Estávamos ali conversando, quando para nossa surpresa veio chegando um automóvel, desses que dificilmente a gente vê por aqui. Parou na sombra, e dele desceu uma pessoa ao nosso encontro. Identificamos como um candidato a deputado da nossa região.

Chegou nos cumprimentando, todo educado, pegando na minha mão e na do meu compadre. Como foi uma surpresa, ficamos um pouco sem assunto. Mas o candidato olhou para o céu e disse:  
— É, a atmosfera está bastante carregada hoje.

O compadre Afonso, como não sabia o que era atmosfera, achou que ele estava falando do abacateiro, e respondeu:  
— É, doutor, lá na minha casa, também tem um pé de atmosfera carregadinho.

O candidato, percebendo o nosso nível de conhecimento, tentou mudar de assunto, dizendo para mim e para meu compadre Afonso:

— A conversa está boa, mas vamos ao assunto que nos interessa. Vocês sabem que fui eleito nas eleições passadas, e estou me candidatando esse ano novamente. Sendo eleito, vou trazer para vocês escolas, postos de saúde, eletricidade e até uma ponte de cimento, lá no riozinho.

Com isso meu compadre entrou novamente na conversa:

— Doutor, hora que o senhor tiver um tempo, vem almoçar com a gente, vamos comer um frango caipira, um queijinho fresco, milho verde colhido da roça e, de sobremesa, uma atmosfera com açúcar.

O candidato, sorrindo, bateu em nossas costas e se despediu me parecendo muito feliz. E, enxugando o suor do rosto com a manga da camisa, o compadre Afonso me disse:

— Compadre, fiquei muito feliz com a ajuda do deputado.

Foi quando lhe afirmei:  
— Mas até agora foi só promessa, Afonso.  
— Não é disso que estou falando. Eu quero dizer que, se não fosse o deputado, eu nunca ia saber o nome certo dessa fruta.

\*  
**ISABELA ZARDA**, CURSANDO O PRIMEIRO ANO DO ENSINO MÉDIO, É VENCEDORA DO CONCURSO DE REDAÇÃO TV TEM 2016

# Palavra



“Viver é a coisa mais rara do mundo. A maioria das pessoas apenas existe.”

**OSCAR WILDE**

NASCIDO EM DUBLIN, IRLANDA, EM 1854, O AUTOR DE ‘O PRÍNCIPE FELIZ E OUTROS CONTOS’, ‘O ROUXINOL E A ROSA’ E ‘O RETRATO DE DORIAN GRAY’, DENTRE OUTROS, MORREU EM PARIS, FRANÇA, EM 1900.

Oscar Wilde



Cultura! é uma publicação do jornal *O Extra.net*, concebida por O. A. Secatto com o apoio da Confraria da Crônica.

EXPEDIENTE  
EDITOR: **O. A. SECATTO**  
COLABORADORES: **GIL PIVA**, **JOÃO LEONEL ZÉ RENATO** E **JACQUELINE PAGGIORO**  
DIAGRAMAÇÃO: **ALISSON CARVALHO**



Cinema

Filme de Stuart Hazeldine, baseado no livro de William P. Young, exhibe retrato religioso sem os mesmos clichês das obras do gênero



**Personagens.** Sarayu (Sumire Matsubara), Papa (Octavia Spencer), Mack (Sam Worthington) e Jesus (Avraham Aviv Alush)

# SIMPLESMENTE ‘A CABANA’

CRÍTICA

★★★★☆ REGULAR

GIL PIVA

A adaptação do *best-seller* de William P. Young, *A Cabana* segue na linha do embalo religioso estabelecido ao longo dos últimos anos por diversos filmes com o claro objetivo de pregar princípios religiosos. O filme narra a história de um pai que tem a filha assassinada e, revoltado e angustiado, se afasta da família e de sua fé, até que um cer-

to dia Deus o convida para um encontro na mesma cabana em que vestígios do crime foram encontrados. O que acontece em *A Cabana* é que seu enredo não se apresenta como um programa missionário de alguma igreja específica. Ao contrário, o filme acerta a mão ao trazer para as telas fielmente a discussão do livro; ou seja, há um filme bem feitinho, que diverte e emociona — caso raro nos filmes da safra que mais parecem voltados apenas aos convertidos. Além das questões religiosas, o filme optou

por manter aspectos do livro numa ordem e ritmo que, talvez, pudesse deixá-lo enfadonho. Portanto, se no livro vai se descobrindo aos poucos a história por trás da personagem, no filme se antecipam alguns pontos que compõem um suspense sutil. Para quem leu o livro, sentirá falta de uma discussão interessante sobre a liberdade humana, embora superficial e rasteira. Demais, não há muito que dizer. *A Cabana* chegou, inclusive, a ser considerada herética por alguns religiosos evangélicos (sobre o assunto, ver *Microcosmos da Heresia*, 22/04). Mas não seria para tanto: os episódios de tom espírita e as experiências da personagem se misturam a um tipo de caráter protestante também. Tanto o legado do filme quanto o do livro dominam o espectador na tentativa de arrebatá-lo seu entusiasmo e prometer uma possível visão de cura interior. Sem *spoilers*, basta mencionar que o final do livro possui elementos que fazem o desfecho mais convincente, senão intrigante — o que, evidente, não foi o caminho percorrido pelo filme. Enfim, trata-se de diversão convincentemente leve. A falta de um arrebatamento exige um esforço de entrega por parte do espectador. Apenas isso. E só isso.

O filme acerta a mão ao trazer para as telas fielmente a discussão do livro; ou seja, há um filme bem feitinho, que diverte e emociona

História

‘Essa atmosfera planetária é assustadora. Ainda no Brasil cresce um clamor, na voz dos mais ignorantes e reacionários, pela eleição de um defensor da ditadura’

# VERDADE E MENTIRA NO SENTIDO ÉTICO

ZÉ RENATO

O mês de abril sempre é lembrado pelo seu primeiro dia. Identificado como o “Dia da Mentira”. Não me recorro da razão disso. Também não me preocupo em descobrir. Há outras mentiras ligadas a essa época do ano muitas mais nefastas e destruidoras. Primeiro: é o mês do nascimento de Adolf Hitler. Por si só, já é o bastante para maculá-lo. Não me atrevo a discorrer acerca das razões de tal assertiva, na medida em que, suponho, é do conhecimento de todos — ao menos deveria sê-lo — o significado desse verme para a humanidade. Além desse ente — sim, prefiro “desontologizá-lo” — há sua “parição”: a excrecência do nazismo. Segundo: o golpe militar no Brasil foi definitivamente sacramentado nesse dia. As águas de março fecharam o verão, disse Tom Jobim, a meu ver, de forma irônica com a “promessa de vida em meu coração”. Entendo como uma

metáfora para o ocorrido. *Thánatos* passou a imperar. Encontramo-nos no mês citado. O famigerado aniversariamente putrefato parece ter deixado uma terrível centelha de sua herança: a onda conservadora, quer dizer, reacionária, parece crescer e “florescer” mundo afora. Os ventos retrógrados sopram em todo o planeta. A vitória de Trump nos Estados Unidos. O fortalecimento do chamado neonazismo, que de novo não possui nada, recrudescer em todo o velho continente. Particularmente: França, Holanda, Áustria, talvez sejam as maiores aberrações. No Brasil, falo aqui de uma visão e leitura pessoais, o processo que culminou com a queda da presidente democraticamente eleita, além de ser um golpe, foi também temperado com essa onda reacionária e retrógrada. Haja vista os brados em favor

de uma “intervenção militar”. Sim, súplicas de retorno da ditadura militar. Essa atmosfera planetária é assustadora. Ainda no Brasil cresce um clamor, na voz dos mais ignorantes e reacionários, pela eleição de um defensor da ditadura. Participante da mesma, nunca escondeu suas preferências, ao bradar o uso indiscriminado da força contra todos aqueles que ousam discordar. Além de apologias homofóbicas e misóginas, chegou a declarar em pleno parlamento, referindo-se a uma colega política, vítima de torturas na ditadura: “Você não merece ser estuprada.” Enoja-me ver jovens bradando e vestindo camisetas em seu apoio. O que há de mentira nisso? Se há, não tem a menor graça. O primeiro de abril como um dia dedicado a “brincadeiras” e “pegadinhas” tem lá seu divertimento. Todavia, isso não é engraçado.

Temo essas mentiras ganharem mais tonalidade de verdade, adquirindo grau de verossimilhança e passarem a reinar como real



**Internet.** Montagem retrata o deputado federal Jair Bolsonaro (PSC-RJ) como Adolf Hitler

É patético. Rir comigo, e não de mim, nos ensina o filósofo. Meu maior temor são essas mentiras ganhando mais tonalidade de verdade. Adquirirem um grau de verossimilhança, passarem a reinar como real. Não há como esquecer a chaga do nazismo: tudo começou com uma brincadeirinha com os judeus.



Capa

A Caverna de Cristal

de Mary Stewart e outras

obras sobre o Rei Artur

# AS MIL FACES DE MERLIN

BRUNO ANSELMi MATANGRANO

**C**averna de Cristal, publicado originalmente em 1970 e recém relançado no Brasil pela Editora Cavaleiro Negro, é o primeiro volume da série *Merlin*, da autora inglesa Mary Stewart, falecida em 2014, dois anos antes de completar 100 anos. Sua saga narra uma possível versão, embasada historicamente, das lendas conhecidas como *Ciclo Arturiano*, situando-as na segunda metade do século V, em torno de 470 d.C. Neste primeiro volume, o leitor é apresentado a um Merlin totalmente diferente de sua figura habitual. Em vez de encontrar um sábio idoso de longa barba branca, portando um cajado, depara-se com um garotinho inteligente e desconfiado, de cabelos e olhos pretos e estrutura franzina, como comum ao povo celta britânico. Merlin é filho bastardo da filha do Rei de Gales do Sul, um pequenino reino que responde a um suserano conhecido como Grande Rei. Sobre o pai de Merlin, no entanto, nada se sabe, embora muitos acreditem que o garoto é cria de um demônio, o que levanta a suspeita de

alguns, suscita o respeito de outros e lhe traz inúmeros problemas. Em meio a intrigas de corte, onde em diversos momentos sua cabeça está a prêmio, o jovem Merlin conhece Galapas, uma espécie de mago e curandeiro, habitante de uma gruta escondida, aos fundos da qual se encontra a Caverna de Cristal do título do livro. Galapas, então, aceita o menino como aprendiz, identificando em suas habilidades certo poder mediúnico conhecido como Visão, o qual ele mesmo parece deter, como se conhecesse de antemão o destino e as origens de Merlin. Passado algum tempo, a vida de Merlin sofre uma reviravolta quando, após a morte de seu avô, um tio maligno assume o trono de Gales, obrigando-o a fugir de seu próprio lar. Em meio a muitas aventuras e desventuras, Merlin acaba chegando à Pequena Bretanha, região localizada ao norte da atual França, onde encontra amigos e descobre sua verdadeira identidade, auxiliando então ativamente no processo de unificação dos reinos da Grã-

-Bretanha, em uma única pátria, a Inglaterra, e, mais do que isso, ajudando a trazer ao mundo aquele que seria o mais lendário de todos os reis, o Rei Artur. Talvez o elemento mais interessante da história de Mary Stewart seja a ideia de deslocar Merlin para a figura de um menino, em vez de associá-lo à personagem-tipo do sábio-guia que conduz e auxilia o herói. Figura que, na fantasia moderna, se desdobrou em tantas outras, como Gandalf, de *O Senhor dos Anéis*, de J. R. R. Tolkien, Aslam, de *As Crônicas de Nárnia*, de C. S. Lewis, Macros, dos livros que compõem *A Saga do Mago*, de Raymond E. Feist, Alannon, da recém-adaptada série *As Crônicas de Shannara*, de Terry Brooks, ou ainda Temístocles, personagem que brinca inclusive com essa semelhança, admitindo ter tido outros nomes em outros lugares, tais como Gandalf e Merlin, nos livros da injustamente esquecida trilogia *Märchenmond*, de Wolfgang e Heike Hohlbein, dentre tantos outros.

Segundo a tradição medieval, perpetuada por antigos historiadores como Geoffrey de Monmouth, seguida pelos romances de cavalaria de Chrétien de Troyes, e consagrada pelas narrativas de Sir Thomas Malory

(1405-1471) publicadas em 1485 nos volumes de *A Morte d'Artur* e retomadas por T. H. White (1906-1964) na saga *O Único e Eterno Rei* (1938-1977), Merlin é um mago poderoso, grande aliado e mentor do Rei Artur. Dentre suas muitas habilidades, está a clarividência, o que lhe possibilita se antecipar a acontecimentos ainda por vir. Talvez devido a esta capacidade poderosa, Merlin normalmente foi relegado a um papel coadjuvante, aparecendo nas obras do Ciclo Arturiano como conselheiro e apoio de outros heróis. Mas como seria se ele pudesse protagonizar uma história própria? Faria sentido contar uma trama narrada por quem sabe tudo de antemão não por já ter vivido cada acontecimento, mas sim por tê-los previsto? É a este desafio que Mary Stewart se lança em *A Caverna de Cristal*.

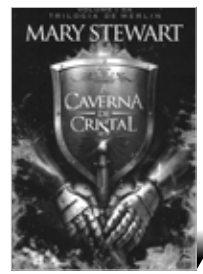
Obviamente, seu Merlin não é tão poderoso (do ponto de vista místico) quanto seus antecedentes, posto que tente criar um *mago realista* dentro dos limites do imaginário da época, ainda que cercado por situações sobrenaturais, mas este jovem Merlin é também poderoso politicamente, já que inteligente, observador e inventivo, sendo não apenas mago, mas também

engenheiro e curandeiro. Mesmo assim, o Merlin de Stewart é sim capaz de prever acontecimentos ou de ter conhecimento em tempo real de acontecimentos que se desenrolam a quilômetros de distância; por conta disso, torna-se um narrador muito diferente e interessante, analisando e interpretando cada fato ou acontecimento e fazendo digressões profundas e filosóficas.

Antecipando-se a livros com grande preocupação histórica, como *As Brumas de Avalon*, de Marion Zimmer Bradley, publicado em 1983 (que, mesmo tendo este cuidado histórico, é essencialmente uma obra de fantasia), e *As Crônicas de Artur*, de Bernard Cornwell, cujo primeiro volume saiu em 1995, Mary Stewart recria assim um Ciclo Arturiano menos fantasista e mais histórico, ambientando-o por volta do ano de 470 d. C., em cenários reais. Para tanto, mistura personagens completamente inventadas e personagens supostamente verídicas, como Ambrosius, que teria sido Grande Rei da Grã-Bretanha. Este talvez seja um dos pontos mais fortes de sua obra, rica em pesquisa e detalhamento de uma cultura já tão distante e envolta em mistérios.

Em suma, Mary Stewart parte de um tema já bastante explorado para criar algo novo, sem cair em repetições ou clichês. Com isso, cria um efeito de surpresa bem-vindo, construindo uma personagem, ao mesmo tempo, nova e familiar, bem construída, verossímil, profunda e cativante, de modo que o leitor torce por ela, mesmo quando suas ações ou decisões são, aos olhos de hoje, moralmente questionáveis. Pois, ao fim, tudo o que importa é conhecer melhor este novo Merlin.

\*  
**BRUNO ANSELMi MATANGRANO**,  
TRADUTOR E AUTOR  
DE DIVERSOS CONTOS  
E ARTIGOS, É MESTRE E  
DOCTORANDO EM LETRAS  
PELA USP



**A CAVERNA DE CRISTAL**  
**Autora:**  
Mary Stewart  
**Editora:**  
Cavaleiro Negro  
(464 págs., R\$ 39,90)



**Na juventude.**  
O ator Colin Morgan, como o personagem-título da série britânica 'Merlin'

**Referências.**  
Morgana (Helen Mirren) e Merlin (Nicol Williamson), no filme 'Excalibur', de 1981

